

Associação Nacional de História – ANPUH XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

Carlos Octavio Bunge e José Ingenieros: entre o científico e o político. Pensamento racial e identidade nacional na Argentina (1880 – 1920).

Camila Bueno Grejo*

Durante a segunda metade do século XIX, a Argentina passou por um processo de modernização que a colocou, em poucos anos, entre os países mais ricos do mundo. Todo esse desenvolvimento, aliado à possibilidade e esperança de ascensão social se tornou um meio propício à promoção da imigração que acarretou um vertiginoso crescimento populacional.

Foi em meio ao desenvolvimento econômico e à aspiração ao progresso que, no final do século XIX e início do século XX, se destacaram alguns intelectuais preocupados em pensar a realidade nacional. Dentre eles, Carlos Octavio Bunge (1875-1918) e José Ingenieros (1877-1925), os quais buscavam, em meio a tais mudanças, integrar o imigrante europeu à sociedade argentina, utilizando, para isso, teorias raciais e apelações biologistas a fim de criar uma consciência nacional¹.

Este trabalho, ainda em fase inicial, busca compreender as relações que podem existir entre Carlos Octavio Bunge e José Ingenieros, partindo da análise de sua produção intelectual do início do século XX. Estes homens exerciam profissões consideradas importantes - tais como medicina e direito - pertenciam à classe dominante e, por assim dizer, possuíam influência política, chegando a ocupar cargos administrativos no governo. Além disso, contavam com um objetivo em comum: construir a “nação argentina” – no sentido estrito do termo – o que implica dizer que aqueles que não se encontravam unidos pela origem – no caso, os imigrantes - deveriam adotar a mesma língua e as mesmas tradições do país que os acolheu.

* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História pela Universidade Estadual Paulista – Faculdade de Ciências e Letras de Assis, sob orientação do Prof. Dr. José Luis Bendicho Beired.

¹ É importante esclarecermos que pretendemos nos referir aos intelectuais argentinos do século XIX como sendo cientificistas, diferentemente do que ocorre na quase totalidade da historiografia argentina, que os denomina como positivistas. Assim o faremos por entendermos que positivismo está contido em um conceito mais amplo: o cientificismo. Oscar Terán pode ser tomado como exemplo de autor que já se dirigiu aos intelectuais argentinos de finais do século XIX e início do XX como positivistas (ver: TERÁN, Oscar. *Positivismo y nación en la Argentina*. Buenos Aires: Ponto Sur, 1987.). No entanto, num trabalho mais recente, Terán reconheceu haver alguns deslizes nas aplicações positivistas dos intelectuais argentinos do período. (ver: TERÁN, Oscar. *Vida intelectual en el Buenos Aires fin-de-siglo (1880 – 1910). Derivas de la “cultura científica”*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2000.).

A figura de Bunge teve muitas faces – advogado, professor, literato, estudioso de direito, de educação e de sociologia – e, apesar de ter nascido no ano de 1875, acabou sendo incluído na “Geração de 80”, devido à sua precoce maturidade intelectual². De toda sua produção intelectual nos vale destacar: *La educación* (1901), *Principios de psicología individual y social* (1903) e *Nuestra América* (1903).

Nuestra América está constituída por uma análise sociológica psicobiológica, que procura diagnosticar um dos males latino-americanos: a “politica criolla” dos caudilhos latino-americanos. A psicologia do hispano-americano deriva de fatores étnicos (raciais), físicos e econômicos. Bunge se dedicou, sobretudo, à importância do primeiro fator. Compreender a política hispano-americana, isto é, seu caudilhismo, seus ditadores criollos, exigia uma previa diferenciação dos grupos étnicos que compunham a estrutura social. Era preciso, assim, no caso hispano-americano, estudar as características de grupos tão diferentes como os espanhóis, os índios, os negros e os mestiços.

José Ingenieros nasceu em Palermo, na Itália e a imigração de sua família para a Argentina pode ser explicada pelo fato de seu pai, um professor e periodista italiano, ter se vinculado à Primeira Internacional e dirigido um periódico socialista. Coursou medicina e direito na Universidade de Buenos Aires, desenvolvendo sua atividade política junto ao Partido Socialista Argentino entre 1895 e 1899³. Na faculdade de medicina teve, como professor, José Maria Ramos Mejía - responsável por despertar em Ingenieros o interesse pelas ciências naturais, biológicas e sociais, ensinando – lhe as primeiras noções da filosofia cientificista.

Sua faceta sociológica ficou marcada a partir da publicação de *Sociologia Argentina* e culminou quando, terminada já a década de 1910, são lançados os dois volumes de *La evolución de Las ideas argentinas*. Ele foi, ainda, fundador da primeira revista filosófica propriamente dita de publicação argentina. A *Revista de Filosofía* circulou em Buenos Aires entre 1915 e 1929, podendo ser considerada como um produto tardio do cientificismo biologista na Argentina e um testemunho da duração desse fenômeno na cultura argentina, o qual se identificava com o novo clima de idéias que se formou a princípios da

² A influência exercida pela “Geração de 80” na vida cultural argentina deve ser assinalada, pois, de acordo com a visão dos intelectuais do período, o país deveria ser transformado em uma nação soberana e próspera. Porém, isso só se tornaria possível com a realização de um ininterrupto progresso proporcionado, em grande medida, pela filosofia positivista e pelo cientificismo em que se formaram intelectualmente quase todos os intelectuais do período.

³ O Partido Socialista Argentino foi fundado em 1895 por Juan B. Justo.

década de 1880.⁴ Dentre suas obras mais significativas podemos citar: *El hombre mediocre*, *Sociologia Argentina*, *La simulación de la lucha por la vida*, *Las fuerzas morales*.

Em *Sociologia Argentina*, Ingenieros fundamenta sua ideologia cientificista e traduz a visão que tem com relação ao fenômeno imigratório na Argentina. Para ele, a formação da nacionalidade argentina – e de todos os países povoados por raças de cor – é em sua origem um simples episódio da luta de raças e justifica a “teoria das raças” dizendo que “a superioridade dos brancos é aceita até pelos que negam a existência da luta de raças”.⁵ Nesse sentido, acreditava que, por meio da imigração, poderia ser incorporada ao país uma massa enorme de europeus que iriam contribuir para o aumento da produção nacional e, cujos filhos, determinariam o predomínio definitivo das raças brancas sobre a mestiçagem causada pelo período colonial.

A partir disso, podemos afirmar que, numa tentativa de controle social, tanto Bunge quanto Ingenieros fizeram-se adeptos do darwinismo social, sendo que a incorporação das teorias de Charles Darwin às ciências sociais foi uma de suas estratégias. De acordo com a teoria da Seleção Natural, proposta por Darwin, os seres vivos se adaptavam com o tempo e se mantinham em constante processo de adaptação a um ambiente continuamente em formação. E, de acordo com a concepção cientificista, os seres humanos também passariam pelo processo de adaptação, do qual se sobressairiam as “raças superiores”, fato que esclarecia não somente a existência de diferenças físicas, mas também de diferenças sociais entre os homens.

Outra fonte teórica do pensamento cientificista latino – americano em finais do século XIX pode ser encontrada em Gustave Le Bon, principalmente em seu livro *Lois psychologiques de l'évolution des peuples* onde ele desenvolve seu conceito de “alma nacional”. Segundo Le Bon, “cada raça tem uma constituição física tão marcada como sua constituição anatômica (...), as características psicológicas se transmitem regular e fielmente por herança. Este conjunto (...) constitui o que por direito pode chamar – se de caráter nacional”⁶.

Nessa conjuntura, nos vale atentar às teorias de Roger Chartier e Michel de Certeau a respeito do fenômeno da manipulação dos conceitos. De acordo com estes autores,

⁴ Destaquemos que a *Revista de Filosofia*, junto com a edição da coleção de livros *La Cultura Argentina*, faziam parte dos projetos intelectuais de Ingenieros derivados de seu afã organizativo da cultura nacional argentina logo de sua estadia, entre 1911 e 1914, na Europa. PODGOMY, Irina. *Revista de Filosofia. Cultura, ciencias, educación*. Universidad de La Plata: Argentina.

⁵ INGENIEROS, José. *Sociologia Argentina*. Buenos Aires: Editorial Tor, 1956.

⁶ Gustave Le Bon, *Lois psychologiques de l'évolution des peuples*, Paris, 1909; citado por Patricia Funes (2003: 5).

a incorporação da dominação pelo receptor não exclui a possibilidade de desvios, pois a eficácia das mensagens depende dos códigos de afetividade, costumes e elementos histórico – culturais dos receptores. Por isso, o efeito não é unívoco e uma mesma mensagem pode ser interpretada de diferentes formas, produzindo ações diferentes⁷. Isso explica porque idéias como as de Le Bon, Darwin e o próprio conceito do positivismo comteano podem ser consideradas “deturpadas” no contexto latino-americano. Na Argentina, por exemplo, as elites intelectuais tomaram conhecimento de tais conceitos adaptando – os para serem utilizados de acordo com sua realidade e seus interesses.

Enfim, o desenvolvimento das ciências biológicas, de uma maneira geral, ao longo do século XIX fez surgir a possibilidade de contar com critérios considerados definitivamente científicos para explicar o ser humano. O darwinismo, o organicismo spenceriano, a antropologia física, ofereceram aos analistas raciais perspectivas que resignificaram a velha preocupação pelo tema.

As fontes utilizadas para o desenvolvimento de nossa pesquisa podem ser classificadas como pertencentes ao pensamento social argentino expresso por Bunge e Ingenieros, tendo sido elencadas por compartilharem de uma certa contemporaneidade, pois foram produzidas no início do século XX. Nesse sentido, o recorte temporal proposto neste trabalho está situado entre 1880 e 1920, por entendemos que um recuo e um avanço no tempo histórico serão necessários para que haja uma melhor compreensão do tema proposto.⁸ A escolha desses dois autores se justifica, ainda, pela relação existente entre eles, uma vez que Bunge e Ingenieros viveram num mesmo país, num mesmo período e pertenciam à mesma elite intelectual. Um exemplo disso pode ser comprovado quando da publicação da primeira edição de *Nuestra América*, de Bunge, em Buenos Aires. Nesse momento, Ingenieros publicou um artigo na *Revista de Derecho, Historia y Letras*, no qual fez uma crítica favorável ao trabalho de Bunge, a qual foi retomada e lançada como parte integrante do livro *Sociologia Argentina* de 1909.⁹ Bunge, por sua vez, também fazia publicações na *Revista de Filosofía* – dirigida por Ingenieros -, geralmente na seção de filosofia, cultura e nacionalidade argentina.

⁷ CHARTIER, Roger. *A História cultural. Entre praticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990. DE CERTEAU, Michel. *L'écriture de l'histoire*. Paris: Gallimard, 1975.

⁸ A data de 1880 se explica por ser um período de pleno desenvolvimento dos ideais cientificistas e, dentre eles, do racismo científico. E, 1920, por se tratar de um momento em que a visão racial hierarquizada tende a passar do terreno explícito a uma persistência implícita e subjacente.

⁹ As considerações de Ingenieros a respeito da obra de Bunge foram retomadas por ele quando foi publicada a 6ª. edição da obra, da qual ele é responsável pela Introdução.

Outro aspecto que desperta muito interesse no período em questão é o fato de ter existido na Argentina, desde os anos de 1880, uma dupla problemática em torno da modernidade e do projeto nacionalizador. Esse projeto coincidiu com a disputa simbólica pela elaboração de um arco de crenças e valores nacionalistas propostos para funcionar como o alicerce de uma sociedade vista como excessivamente heterogênea. A este contexto podemos relacionar uma preocupação que pode ser evidenciada em Carlos O. Bunge, José Ingenieros e seus contemporâneos cientificistas: o dilema estabelecido entre raça e nação.

Essa visão da sociedade argentina como algo heterogêneo deve-se ao fator imigratório. Aqui, é importante ressaltarmos que, no caso argentino - como bem nos lembra Lília A. Bertoni -, os imigrantes não somente eram mão-de-obra vital para uma economia em expansão, estrangeiros a se incorporar a uma sociedade com diferentes graus de integração e conflito, potenciais cidadãos de um sistema político em transformação e integrantes de uma nação em formação, mas, ao mesmo tempo, eram membros de outras nações distintas, também em formação, e por isso mesmo, requeridos pelos Estados nacionais de origem, extremamente zelosos de sua população.¹⁰ Segundo María Inés Barbero e Fernando Devoto, no ano de 1869 a população argentina contava com menos de 2 milhões de habitantes; entretanto, em 1914, a mesma atingira quase 8 milhões. Nesse ínterim, a Argentina recebeu mais de 4 milhões de imigrantes – especialmente italianos e espanhóis – entre 1880 e 1910.¹¹

Nesta busca pela consolidação do Estado Nacional foi implementado um sistema educacional público e de âmbito nacional, do qual despontou a disciplina ‘História Argentina’, cujo intuito se relacionava intimamente com a necessidade de se criar um espírito patriótico dentro do país. Os livros escolares correspondiam aos propósitos da elite que comandava o processo político do momento. Por isso, durante 1880 e 1890, o ensino da ‘História Nacional’ já era concebido como meio para assimilar os imigrantes e promover a consciência nacional.¹²

As primeiras obras historiográficas argentinas tinham como principal objetivo legitimar o presente, definindo as origens da nação. Esses trabalhos, surgidos no século XIX, buscavam criar a idéia de que a Nação era um dado cujas origens se encontravam assentadas

¹⁰ BERTONI, Lília A. “¿Para qué una nacionalidad? El surgimiento Del nacionalismo en la Argentina de fines del siglo XIX”. In: *Cuadernos Americanos*, México, v. 6, n. 66, p.182, nov.-dez./1997.

¹¹ BARBERO, Maria Inés e DEVOTO, Fernando. *Los Nacionalistas*. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1983.

¹² BERTONI, Lília A. “¿Para qué una nacionalidad? El surgimiento Del nacionalismo en la Argentina de fines del siglo XIX”. In: *Cuadernos Americanos*, México, v. 6, n. 66, p.179 – 188, nov.-dez./1997. FRANCO, Stella M. S. *Luzes e sombras na construção da nação argentina: os manuais de História Nacional (1868 – 1912)*. São Paulo, Dissertação de Mestrado, FFLCH-USP, 2000.

num passado distante e cujas particularidades se delineavam desde o período colonial; neste contexto podemos enquadrar as obras de Bunge e Ingenieros.¹³

Cabe-nos, ainda, atentar para o fato da quase inexistência de trabalhos sobre o tema de pesquisa que nos propomos discutir. No levantamento bibliográfico realizado, foram encontrados alguns estudos relacionados à nossa proposta, sendo relevante dizermos que, dentre estes, a maioria designa os intelectuais argentinos de final do século XIX e início do século XX como positivistas – posição da qual discordamos. Como um exemplo disso, podemos citar autores como Ricaurte Soler (Positivismo Argentino), Patricia Funes e Waldo Ansaldi (1Cuestión de piel. Racialismo y legitimidad política em el orden oligárquico latinoamericano), Adan Anderle (El positivismo y la modernización de la identidad nacional en América Latina), dentre outros. Contudo, se faz interessante que expliquemos a posição adotada por Oscar Terán, o qual já classificou de positivistas aos intelectuais em questão (Positivismo y nación em la Argentina), mas reviu sua posição e, em trabalhos recentes tem se referido aos mesmos como cientificistas (*Vida intelectual en el Buenos Aires fin-de-siglo (1880 – 1910). Derivas de la “cultura científica”*). Devemos, ainda, chamar a atenção para o fato de que este tema tem ressurgido recentemente, ou seja, as pesquisas que o envolvem são contemporâneas e, por isso, podemos afirmar que ainda há muito a ser descoberto. Procuraremos, então, contribuir para a ampliação dos debates acerca das questões envolvidas, tendo em vista a importância do papel desempenhado por estes intelectuais em um momento histórico específico no debate racial e da nação.

¹³ FRANCO, Stella M. S. *Luzes e sombras na construção da nação argentina: os manuais de História Nacional (1868 – 1912)*. São Paulo, Dissertação de Mestrado, FFLCH-USP, 2000.